

## A TRADIÇÃO DOS URSOS CARNAVALESCOS EM MOSSORÓ-RN: Instrumento de Memória e Resistência<sup>1</sup>

Lucimara Nascimento Torres<sup>2</sup>

Júnia Mara Dias Martins<sup>3</sup>

André Duarte da Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

Os Ursos Carnavalescos são uma tradição popular que já se perpetua há mais de 70 anos no município de Mossoró-RN, permanência possível especialmente por meio da transmissão de conhecimentos que alimentam a memória oral durante gerações. Neste artigo, com uso da pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com os pesquisadores Marcus Medeiros e Geraldo Maia, mostramos, suscintamente, como esse folguedo tem se mantido e se redesenhou ao longo do tempo em Mossoró. Além das entrevistas, textos de Marília Santos (2021), Marques de Melo (2008) e Camilo Aranha (2015) nos auxiliaram à conclusão de que, embora ressignificados, os Ursos permanecem construindo a história e a memória carnavalesca, fortalecendo o viés cultural do município.

### PALAVRAS-CHAVE

Cultura Popular; *La Ursa*; Memória Oral; Folkcomunicação Cinética; Carnaval.

### INTRODUÇÃO

Uma das principais características dos estudos folkcomunicacionais é a tessitura de reflexões acerca da memória e da resistência das tradições culturais, na intenção de compreender o potencial social das culturas populares, não somente na conservação dos significados, mas

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GT Alfa: Mídias e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizada de 29 a 31 de outubro de 2025.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Contato: lunasctpesquisa@gmail.com

<sup>3</sup> Docente do curso de Rádio, Tv e Internet da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Doutoranda em Estudos da Mídia (PPgEM) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Diretora Regional Nordeste da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). Contato: juniamartins@uern.br

<sup>4</sup> Graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Contato: andreduartte\_@hotmail.com.

também na constante dinâmica das vivências e histórias de um povo. Ao considerarmos que “a escrita é ainda a forma, por excelência, de fixar o que a cultura dos povos representa através da fala, da voz, e até para legendar objetos e certas imagens artísticas” (Semedo, 2010, p. 28), pretendemos, neste trabalho, contribuir, por meio do registro escrito, com a manutenção da memória relacionada à manifestação dos Ursos Carnavalescos de Mossoró<sup>5</sup>, assim como tentar compreender como esse movimento resiste há mais de 70 anos.

Os Ursos de Mossoró são uma tradição que ocorre, especialmente, no período de carnaval, entre os meses de janeiro e fevereiro. A brincadeira de foliões que passeia pelas ruas da cidade, sob batuques de instrumentos como caixas e tambores, conta com pelo menos uma pessoa trajada com a fantasia artesanal de retalhos e máscara de terror simbolizando a figura do Urso<sup>6</sup>. Acompanhados por outros brincantes, os Ursos costumam percorrer bairros periféricos mossoroenses, fazendo performances dançantes, em grupos de mais ou menos dez pessoas.

Com os primeiros registros datados do decênio de 1930, essa manifestação conta com pouca bibliografia quando relacionada à sua presença em Mossoró; maior parte das narrativas, sobre personagens, figurinos, instrumentos musicais, cantigas e outros elementos identitários do folguedo provêm da memória das pessoas que o acompanharam, reproduziram e repassaram, por meio da oralidade, às gerações seguintes. É nesse sentido que a memória se estabelece como um “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva”, fomentando uma resistência que se consuma não somente como uma conquista, mas também como um instrumento de poder (Le Goff, 2013, p. 435); maiormanete sob o contexto da globalização, em que há uma incidência de padronização dos produtos culturais e/ou descaracterização das manifestações de cultura popular locais.

A fim de cumprir o propósito de fortalecermos o corpo bibliográfico relacionado aos Ursos em Mossoró, entrevistamos os pesquisadores Geraldo Maia e Marcus Venicius Medeiros, para que nos auxiliassem a alcançar a resposta do nosso questionamento central – Como a memória oral contribui para a resistência da tradição dos Ursos Carnavalescos de Mossoró?

<sup>5</sup> Mossoró é um município situado em região semiárida do interior do Rio Grande do Norte, sendo o primeiro do Estado em área territorial, e o segundo em número de habitantes (cerca de 264.577, de acordo com o último recenseamento do IBGE, em 2022).

<sup>6</sup> Ao longo das décadas, as máscaras passaram a ser outras, nem sempre com imagem semelhante à face de um urso, porém, majoritariamente remetem à uma expressão de terror.

Além das entrevistas semiestruturadas, utilizamos a pesquisa bibliográfica, com base qualitativa. A manifestação perscrutada é observada a partir da taxionomia trazida por José Marques de Melo, enquadrando-se, assim, no gênero Folkcomunicação Cinética, que abrange múltiplos canais, códigos gestuais e plasticidade; sob o formato de folguedo, que se constitui como “estratégia de difusão simbólica determinada pela combinação de intenções (emissor) e de motivações (receptor)” (Marques de Melo, 2008, p. 91). Tal tipologia da Folkcomunicação foi um trabalho iniciado pelo criador da Teoria, Luiz Beltrão, ampliado por Marques de Melo e, atualmente, atualizado por associados(as) da Rede Folkcom; em consonância com o movimento de transformações das culturas populares, que não são estanques, mas vivas, dotadas de adaptações e ressignificações no decorrer da sua existência.

## ORIGENS DO FOLGUEDO DOS URSOS CARNAVALESCOS

Estudos apontam (Aranha, 2015; Macedo, 2020; Santos, 2021; Lima, 2024) que a prática da brincadeira dos Ursos Carnavalescos é baseada em uma manifestação conhecida como *La Ursa*, que remonta os tempos da Europa Medieval. Especialmente em países como Portugal, França e Espanha, era comum ver tropeiros e artistas ambulantes exibirem, nas ruas, ursos adestrados que “dançavam” aos sons de instrumentos musicais, atração que chamava a atenção dos transeuntes, os quais costumavam assistir ao espetáculo, dando em troca algumas moedas. Citada por Marília Santos (2021), a antropóloga norte-americana Katarina Real esclarece que

documentos e desenhos dos séculos XI até XV apontam para a existência de ursos em feiras e vilas em festivais na Europa. O animal era utilizado como uma espécie de atração, sendo conduzido por *menestréis* e *jongleurs*. Normalmente estes, ou algum palhaço, lutavam contra os ursos. Muitas vezes os *jongleurs* e os palhaços preferiam enfrentar um outro homem vestido de urso em vez do animal de verdade. Também era comum existirem outros animais, como leões, camelos e macacos, mas o mais frequente era o urso. O domador também costumava colocar cachorros para irritar o urso e chamar a atenção das pessoas. (Santos, 2021, p. 6)

A pesquisadora Mônica Judice, contudo, explica que, na Rússia e na Romênia, “alguns ciganos pegavam os ursos e treinavam para eles fazerem movimentos como se fosse uma dança”<sup>7</sup>; domesticados e treinados, os ursos eram levados para exibição nas feiras.

Descobriu-se, contudo, que o modo de domesticação desses animais era baseado em muito sofrimento – brasas eram colocadas no chão e eles eram obrigados a ficar em pé sobre elas. Nesse momento, em que o urso saltitava, por conta do contato das suas patas com a brasa, seu domesticador tocava uma música, de modo que o urso passava a associar os sons à brasa. Sempre que tocavam a música nas feiras, portanto, o urso imediatamente começava a “dançar”. Os maus tratos para a domesticação, todavia, fizeram com que esse tipo de apresentação fosse proibido na Europa; porém, a transmissão oral de suas memórias acabou construindo certa reelaboração e ressignificação do espetáculo enquanto folguedo popular.

Tal reelaboração pode ser encontrada, por exemplo, em Portugal, vinculada a festegos do ciclo invernal e outros pré-carnavalescos, como as Festas dos Caretos de Podence<sup>8</sup> e dos Rapazes<sup>9</sup>, e o carnaval de Lazarim<sup>10</sup>, festividades nas quais é possível ver o “homem-urso”, divertindo e assustando a população.

No Brasil, a brincadeira pode ser observada especialmente no Nordeste, com características e ritmos próprios, acompanhada por zabumbas, gritos de guerra improvisados, tambores, caixas, pandeiros e muita arruaça. Em cada região, as fantasias de urso são confeccionadas a partir de diferentes materiais – estopa, TNT, pedaços de retalho, mas sempre carregando a memória ancestral da brincadeira. A mescla de instrumentos e vestimentas denota a miscigenação das culturas europeias, africanas e indígenas, resistente, especialmente, em bairros periféricos e cidades interioranas, fomentando a cultura carnavalesca popular. Nas últimas décadas, contudo:

o interesse de brincar *La Ursa* foi sendo renovado, gerando várias transformações no brinquedo. Aos poucos as pessoas de diferentes classes sociais da cidade começaram a se identificar com a expressão. Apesar disso, o folguedo ainda se constitui como uma brincadeira de bairro e é composto por pessoas, em sua maior parte, de classes sociais mais baixas. (Santos, 2021, p. 39)

<sup>7</sup> Vídeo com a pesquisadora Mônica Judice. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DL0v718y3aQ/>. Acesso em 10 jul. 2025.

<sup>8</sup> Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2019/12/1697801>. Acesso em 09 jul. 2025.

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.mulherportuguesa.com/lazer/festas-tradicoes/a-festa-dos-rapazes>. Acesso em 09 jul. 2025.

<sup>10</sup> Disponível em <https://bercodomundo.com/2021/01/carnaval-em-lazarim-caretos.html>. Acesso em 09 jul. 2025.

Em 1961, Katarina Real, ao pesquisar as culturas populares recifenses, fez um dos primeiros registros dessa manifestação adaptada aos moldes brasileiros (Fig. 01). Na nota da fotografia, ela descreveu “Grupos de caçadores ou domadores apontando arma para o urso”<sup>11</sup>.

**Figura 01:** Fotografia registrada por Katarina Real, no Recife, em 1961.



**Fonte:** Site da Fundação Joaquim Nabuco, 2025.

A imagem permite demonstrar que a transmissão oral trouxe, inicialmente, ao folguedo brasileiro, a ideia primitiva de violência destinada ao animal, vigente na Europa Medieval; ideia essa representada, na fotografia, pela performance dos “domadores” apontando armas para o urso – desta vez, contudo, o urso é apenas um homem trajado à fantasia. Uma fantasia que também foi remodelada com o passar do tempo, adquirindo cores, tecidos e máscaras distintas; vestindo corpos brincantes que dançam, assustam e prolongam a memória das festividades no decorrer dos séculos, trazendo alegria às ruas de muitas cidades brasileiras, como acontece em Mossoró.

<sup>11</sup> Imagem do acervo da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), disponível no endereço [http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/files/i/2220/2-KR\\_0531.jpg](http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/files/i/2220/2-KR_0531.jpg). Acesso em 10 jul. 2025.

## A MEMÓRIA ORAL E A EPISTEMOPOÉTICA

A oralidade tem um papel fundamental na construção e reconstrução das memórias dos grupos sociais, pois permite, entre outras coisas, a transmissão de pensamentos, conhecimentos e interpretações pessoais em torno do que é visto e vivido a partir de um lugar de pertencimento. É nesse sentido que é possível encontrarmos, no Brasil, diversos saberes populares transmitidos oralmente através do tempo, tais quais as lendas permeadas por figuras folclóricas como o curupira, saci-pererê, caipora, lobisomem, boto cor-de-rosa, boitatá e mula sem cabeça, por exemplo. Quer seja para entreter ou para sedimentar valores morais e culturais, as lendas possuem um papel capital na preservação da identidade e história de um povo, realçando laços intergeracionais com o território e com as pessoas.

A memória oral é, portanto, a guardiã das subjetividades. Materializada pela voz, ela é determinante para a busca de informações não escritas e revelação de personagens pouco conhecidos pela historiografia. Estreitamente ligada à manutenção das interações coletivas, vai de encontro à fragmentação das relações sociais, constituídas muitas vezes por indivíduos com olhares distraídos direcionados às telas, pouco atentos aos elementos formantes da microssociologia cotidiana mais proximal. A história transmitida oralmente tem, assim, um papel precípua na criação de elos e conservação da cultura, trazendo a possibilidade do não esquecimento dos seus elementos. E foi na tentativa de alinhar a importância da memória oral e do conhecimento empírico aos métodos tradicionais de pesquisa, que Marcus Venicius Medeiros cunhou o termo *epistemopoética*, definindo-o como

o caminho encontrado para desmistificar toda imposição do conhecimento eurocêntrico produzido com o intuito de higienizar os saberes, as falas, os discursos produzidos na oralidade por sujeitos simples, arraigadas de vivências e produções culturais significadas sem o rigor do conhecimento científico. (Medeiros, 2024, p.64)

Entendemos, nesse sentido, que os Ursos Carnavalescos de Mossoró se enquadram como objeto do saber popular, como produção cultural sem dotação de rigor científico, mas com importante representatividade de ancestralidade e preservação de uma tradição. Uma tradição certamente modificada, organismo vivo que é, mas permanente. No decorrer da vida, Marcus

Venicius vivenciou muitas fases de transformação dessa tradição, sobretudo durante a infância e adolescência no bairro Barrocas. Ele lembra, com clareza, das pessoas que se trajavam para levar a brincadeira às ruas mossoroenses, ainda na década de 1980:

Nas Barrocas nos anos 80, eu brinquei muito correndo atrás dos Ursos. O Urso de Carlitos, que nós mais conhecíamos na época. A gente, quando criança, morria de medo, porque era uma estopa chamada, que se pregava tiras de tecido e se pregava nessa estopa, e essas tiras... essa estopa, ela ganhava vida, porque alguém vestia, mas pra gente era uma magia. (Medeiros, 2025).<sup>12</sup> [sic]

Ao relatar sobre o que presenciou quando criança e adolescente, Medeiros traz memórias que constituíram o imaginário da sua construção sociocultural. É preciso frisarmos, contudo, que a memória difere da história no que diz respeito ao vivido. Enquanto a história é documental e baseada em evidências, possuindo um viés recortado pelo historiador, “[...] a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito.” (Montenegro, 2003, p.19).

Podemos, assim, compreender que, apesar dos significados distintos, a memória se funde à história a partir dos fatos, pois esses, ao se tornarem tradições escritas e/ou orais, se constituem como objeto que perpetua acontecimentos e saberes. Nesse sentido, Marcus versa sobre as alterações estéticas dos Ursos Carnavalescos, ressaltando vivências que são, a um só tempo, individuais e coletivas, pois integram a sua memória, ao passo em que também compõem importantes trechos da história dos Ursos que brincavam pela cidade, enquanto ele ainda era criança. O olhar dele sobre as alterações das dinâmicas, vestes e narrativas engendradas pelo folguedo é, portanto, memória e história, simultaneamente. Para ele,

Os ursos hoje em dia não tem mais cara de urso. Se usa a máscara industrializada, que às vezes são máscaras de terror, como pode ser máscara de animais. Tudo é chamado de Urso, mas as máscaras são as mais diversas. Hoje em dia você não tem mais a tradição de amarrar o Urso pela cintura. E o caçador que colhia o dinheiro, trazia ele na corda, hoje em dia ele anda solto, ele anda livre. E o maior segredo antigamente era ninguém saber quem era o Urso. Era um mistério muito grande. E aquilo ali mexia com a gente! Hoje em dia não, ele

<sup>12</sup> Entrevista concedida por MEDEIROS, Marcus Venicius Filgueira de. **Entrevista com Marcos Venicius Filgueira de Medeiros.** [mar. 2025]. Entrevistadora: Lucimara Nascimento. Mossoró-RN, 2025. 1 arquivo .m4a (26'59").

tira a máscara, ele veste a roupa na frente das pessoas... (Medeiros, 2025).<sup>13</sup>  
[sic]

O depoimento de Marcus demonstra certo inconformismo com as transformações que os Ursos foram sofrendo em Mossoró; segundo ele, a brincadeira perdeu parte de características essenciais, como as relacionadas à confecção artesanal das máscaras, e a ausência da costumeira narrativa do anonimato do urso; o que evocava mistério e incitava a curiosidade das pessoas na revelação de quem estaria sob a vestimenta.

O historiador mossoroense Geraldo Maia (2025), por sua vez, rememora a chegada dos Ursos Carnavalescos de Mossoró, trazida para o município por recifenses, sob influência da *La Ursa*, segundo ele. A brincadeira, inicialmente, consistia em um urso, cuja identidade não poderia ser identificada, amarrado ao caçador pela cintura. Ao passar pelas ruas, o caçador buscava a coleta de dinheiro para liberar o animal<sup>14</sup>. Nesta época, as fantasias eram feitas de tiras de tecido, ao invés dos distintos retalhos atuais; e os instrumentos utilizados também eram outros – sanfonas e pandeiros. O folguedo foi adaptado, mas permanece com algumas características similares às da sua chegada, como o emprego de peripécias para atrair o público, e cujas em mãos dos brincantes para arrecadação de dinheiro:

O produto que o *la ursa* vende é o entretenimento seja ele por meio formal através de um contrato de prestação de serviços ou informal quando em contato direto com o transeunte. Para isso, o folguedo utiliza de artifícios provocativos e peripécias que desperte a atenção do público como, zombar, tripudiar, fazer graça, meter medo ou assustar, através de performance coreográfica, dança e brincadeiras, afim de envolver a participação da popular nessa diversão momentânea, e assim, adquirir alguns “trocados”. Um acessório característico desse personagem é uma cuia carregada em uma das mãos ou um outro objeto que faça a função da mesma, ou seja, proporcione ao público uma mensagem direta de pedido financeiro quando direcionada ao transeunte, emitindo o som e imagem do tilintar das moedas em seu interior sem derrubá-las. A função dessa é instigar o público alvo que encontra e aborda em seu trajeto a colaborar com doações em dinheiro com a brincadeira. (Aranha, 2015, p. 124)

<sup>13</sup> Entrevista concedida por MEDEIROS, Marcus Venicius Filgueira de. **Entrevista com Marcos Venicius Filgueira de Medeiros**. [mar. 2025]. Entrevistadora: Lucimara Nascimento. Mossoró-RN, 2025. 1 arquivo .m4a (26'59").

<sup>14</sup> Acredita-se que esse era um modo do folião arrecadar dinheiro para brincar o carnaval.

No município de Mossoró, ainda existem cerca de 10 grupos desse tipo (Fig. 02), que são segmentados por bairros – entre eles, os Ursos do BH (Belo Horizonte), os da Baixinha e os do Paredões. No bairro Santo Antônio, o mais populoso da cidade, onde a tradição iniciou e se tornou mais forte nos dias atuais, se destacam os Ursos Sonhei que Era Assim, Meu Canarinho e Futurista de 2050, criados por Márcio Aquino, presidente do Ponto de Cultura Espaço das Artes<sup>15</sup>. Em áreas nobres da cidade, não é possível observar a existência desse tipo de folguedo, o que reforça a memória da cultura popular majoritariamente subsidiada por indivíduos e grupos socialmente marginalizados.

**Figura 02:** Urso Carnavalesco em Mossoró.



**Fonte:** Acervo de Marcus Medeiros, 2025.

Atualmente a brincadeira é feita, predominantemente, por crianças e adolescentes interessados em manter viva a cultura transmitida por seus pais, tios e avós que outrora experimentaram a tradição. Geraldo Maia (2025) acredita que a única amostra de resistência que ainda se mantém, do carnaval de Mossoró, são os Ursos. Para ele, as características dos antigos

---

<sup>15</sup> Ponto de Cultura é uma ação do Governo Federal, executada pelo Ministério da Cultura (MinC), que reconhece e apoia financeiramente entidades e coletivos culturais na promoção de ações socioculturais nas comunidades em que se situam. Surgiu em 2004, com o Programa Cultura Viva, criado pelo historiador Celio Turino.

carnavais desapareceram, ficando somente essa brincadeira como vestígio de um tempo áureo das folias de rua:

Você não vê nada nessa cidade de grandioso no carnaval, mas você vê essa tradição, essa cultura resistente, se redesenhandando, se reorganizando a cada ano, a cada época, a cada período da história. Da década de 50 pra cá, chegou como La Ursa, hoje em dia como urso, era feita de agave, depois de tecido, hoje em dia de tnt, entre outros materiais. E a coisa vai se perpetuando, vai existindo.” (Medeiros, 2025).<sup>16</sup> [sic]

Podemos assim, observar que boa parte das características estilísticas e dos mistérios que envolviam o folguedo, aguçando o burburinho nos bairros, foram modificados ao longo das décadas; ainda assim, a tradição não foi extinta. Nos últimos dias de janeiro de cada ano, é possível ouvir as primeiras batidas nas caixas e tambores sem acordes definidos, mas facilmente identificadas pela população: passam pelas ruas os Ursos Carnavalescos de Mossoró! A tradição continua, enchendo as ruas de colorido, algazarra, resistência e memória.

## CONCLUSÕES

Apresentamos, nesta pesquisa, um folguedo típico do Nordeste brasileiro, produto cultural provavelmente originado da apresentação conhecida como *La Ursa*, presente em países europeus, ainda no período medieval, e reconfigurada em forma de brincadeira ao longo dos séculos. Sua chegada ao Brasil, reunindo elementos das culturas europeias, africanas e indígenas, foi incorporada em ciclos de carnaval de rua, sem uso de ursos reais, porém com brincantes fantasiados de. Tal folguedo resiste em Mossoró há mais de 70 anos, porém há escassez de textos científicos sobre o tema. Na tentativa de preencher parte dessa lacuna, utilizamos e registramos, portanto, relatos de dois pesquisadores locais, que reavivaram parte das memórias do costume, abordando alterações nos figurinos, narrativas e personagens dos Ursos mossoroenses no decorrer dos anos.

Os trechos aqui expostos, dos relatos dos entrevistados, reforçam como a memória oral pode se constituir como meio de resguarda para a história dos Ursos Carnavalescos em Mossoró,

<sup>16</sup> Entrevista concedida por MEDEIROS, Marcus Venicius Filgueira de. **Entrevista com Marcos Venicius Filgueira de Medeiros.** [mar. 2025]. Entrevistadora: Lu Nascimento. Mossoró-RN, 2025. 1 arquivo .m4a (26'59").

mas também denotam certo descontentamento vinculado às transformações que a brincadeira foi adquirindo na cidade com o passar das décadas. Esse olhar saudoso sobre manifestações passadas que constroem o mosaico de experiências de nossas vivências é comum e, muitas vezes, se associa à crítica da não manutenção de características ditas originais dessas manifestações.

Ao longo desse trabalho, pudemos perceber, contudo, que as adaptações e alterações do folguedo foram ocorrendo de forma orgânica, ora se moldando ao fácil acesso a máscaras industrializadas, ora optando por retalhos mais baratos que o tecido para confecção das fantasias, por exemplo. A economia de tempo e dos custos para a confecção da fantasia é um fator essencial, visto que se trata de uma atividade integralmente custeada pelo brincante, normalmente. Por outro lado, pudemos notar que algumas máscaras hoje presentes, como as do cachorro, do leão e do macaco, remontam animais que figuravam as cenas medievais europeias, ainda quando os ursos eram domesticados sob maus tratos e exibidos nas feiras como animais dançantes. Tal circunstância pode demonstrar a preservação secular de características primitivas do antigo espetáculo que possivelmente influenciou a criação do folguedo.

Notadamente, parte dos agentes culturais e folkcunicionais que se empenham para não deixar morrer a tradição dos Ursos Carnavalescos de Mossoró é composta por pessoas de zonas socialmente periféricas, muitas vezes com pouco ou nenhum acesso a estudos científicos que as representem nesse aspecto, revelando sua importância sociocultural. A certificação da ausência de trabalhos científicos com abordagem no folguedo mossoroense foi um dos motivos primeiros que nos levaram a desenvolver este estudo, portanto, na tentativa de colaborar com o registro escrito dessa história, na exaltação da identidade local e no reforço à memória desta tradição.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Camilo de Figueiredo. A brincadeira La Ursa, visualidades e peripécias. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v. 8, n.4, p. 122-135, Jan./Abr. 2015. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3370/337038443008.pdf>. Acesso em 08 jul. 2025.

LE GOFF, J. **História & Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

MACEDO, Lívia Alves dos Santos. **Viva o urso sem lenço, sem documento!** Brincando de Ala Ursa no carnaval de João Pessoa. Orientadora: Luciana Chianca. 2020. 150 p. Dissertação (Mestra em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular:** história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MEDEIROS, MARCUS VENICIUS FILGUEIRA DE. **Epistemopoética:** o contador de história e a arte do encantamento. Orientador: Karlla Christine Araújo Souza. 2024. 146 p. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2024.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória:** A cultura popular revisitada. 5. ed. São Paulo: História Contexto, 2003.

RODRIGUES, Ana Clara de Lima. **A Ursas e suas memórias:** manifestação cultural e afetividade em Pernambuco. Orientadora: Camila Brito de Vasconcelos. 2024. 30 p. Monografia (Graduada em Design Gráfico) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

SANTOS, Marília. A *La Ursa* quer dinheiro, quem não dá é pirangueiro: transformações no carnaval das *La Ursas* em São Caitano (PE). **Revista Orfeu**, Florianópolis, v.6, n. 1, abril de 2021. Disponível em <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/19489>. Acesso em 08 jul. 2025.

SEMEDO, Odete Costa. **As Mandjuandadi.** Cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição à literatura. Porto: Afrontamento, 2024.